

tentativa: modos de usar

Daniela Avelar¹

Resumo: O presente texto reflete sobre a noção de tentativa enquanto exercício e repetição ao elencar práticas que articulam ideias a partir da dúvida, incerteza e os movimentos gerados em percursos sem destino garantido. Uma tentativa em investigar como as experiências do não-saber podem se relacionar com a pesquisa em arte.

Palavras-chave: *Tentativa. Dúvida. Repetição. Práticas Artísticas.*

attempt: a user's manual

Abstract: This text reflects on the notion of attempt as an exercise and repetition by listing practices that articulate ideas from doubt, uncertainty and the movements generated in paths without a guaranteed destination. An attempt to investigate how experiences of not-knowing can relate to art research.

Keywords: *Attempt. Doubt. Repetition. Art Practices.*

¹ Doutora em Artes Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Mestre em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Artista, Investiga em seus trabalhos instrumentos literários como a apropriação, uso e recontextualização a partir de restrições autoimpostas em instalações, publicações, vídeos e ações. Pesquisadora vinculada à Universidade do Estado de Santa Catarina, Av. Me. Benvenuta, 1907 – Florianópolis, SC, 88035-901. E-mail: dani.cavalin@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6756-0294>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6557084869255622>. São Paulo, Brasil. Este texto é parte da tese de Doutorado na Linha de Pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos (CEART/Udesc), defendida em julho de 2021. A pesquisa foi realizada sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Raquel Stolf. Florianópolis, Brasil.

tentar é duvidar?

Quem sabe, quiçá, às vezes, de repente: jeitos diferentes de começar a falar sobre o que não se tem certeza. Na falta de certezas, perguntas. Perguntar para compreender ou, ao menos, *tentar*. Tentar entender enquanto processo e o processo como uma maneira de se demorar em algum lugar. Talvez, na tentativa imagina-se um ponto de chegada desejado, ainda que o trajeto seja incerto. Como escreveu Maurice Blanchot, “[...] Aqui não existe nenhuma ideia de finalidade [...] Encontrar é quase a mesma palavra que buscar, que diz: ‘dar a volta em’” (2001, p. 63-64). É o risco do desconhecido, a experiência do não-saber, da incerteza e da possibilidade de não chegar a lugar algum.

Duvidar é não se convencer de algo: desconfiar, suspeitar, balançar, bambejar, hesitar, titubear, vacilar. A dúvida pelo receio ou falta de confiança em algo. Confiando na desconfiança, o artista Ben Vautier criou a *Fundação da dúvida* (*Fondation du doute*, 2013), em Blois, na França. Seguindo premissas Fluxus, o artista define sua fundação enquanto “um espaço de questionamento da arte, de reflexão, de dúvida”. “Criar é duvidar e duvidar é criar”, afirma o folheto de apresentação da Fundação bem como um de seus trabalhos presentes na fachada do espaço. Ben garante que as respostas para perguntas como “tudo é arte?”, “a arte é uma aventura, aparência ou realidade?” ou “quais são os limites da arte?” encontram-se na *Fundação da dúvida*.

Começar pela dúvida ou seguir duvidando. Se duvidar é desconfiar, talvez seja a dúvida que instaure o movimento. A certeza é a ausência de dúvidas. A certeza é fixa, estável, imóvel. Não possibilita a busca que a instabilidade da dúvida proporciona. Outra experiência determinada pela dúvida, via instituição-proposição artística: *The Centre for the Less Good Idea*, criado por William Kentridge, em Joanesburgo, na África do Sul. Segundo Kentridge, o principal objetivo do espaço é encontrar as “ideias menos boas” a partir da abertura de espaço para experimentações, colaborações e interdisciplinaridades. E conviver com a ideia “menos boa” seria o mesmo que tentar com maior intensidade? O texto de apresentação do *Less Good Idea* se propõe enquanto um espaço “[...] para perseguir descobertas incidentais feitas no processo de produção da obra. Geralmente, você começa com uma boa ideia. Ela pode parecer cristalina no início, mas [...] surgem rachaduras e fissuras em sua superfície que não podem ser ignora-

das”². E segue com o argumento de que as ideias secundárias, ou aquelas “menos boas”, podem apresentar soluções e mostrar coisas que você não sabia antes.

Less Good Idea é definido como “um espaço seguro para fracassar, para projetos serem experimentados e descartados por não funcionarem”. Tentar é ensaiar, experimentar, pôr à prova. Assim, se tentar é experimentar, podemos pensar na tentativa enquanto um teste. E o teste se dá no tempo: permanecer um tanto e ver o que dá. Teste e tentativa como realidades provisórias. Assumir a ideia “menos boa” seria o mesmo que assumir uma tentativa.

tentar é arriscar?

Se percurso implica em percorrer um caminho ou trajeto, isto é, deslocar-se de um ponto a outro, isso significa saber de antemão onde ou quando o segundo ponto será atingido? É possível pensar que as ações de Francis Alÿs se sustentam pelo meio: nos caminhos pelos quais se deslocam, se organizam e se estruturam, seja empurrando um cubo de gelo pela cidade (*Sometimes Making Something Leads to Nothing*, 1997); ou quando resolve retocar toda a sinalização de chão de uma estrada (*Retoque*, 2008); ou quando desfia sua blusa criando um rastro de lã enquanto caminha (*Fairy Tales*, 1992). São tentativas do percurso. Ideias boas, menos boas e também as mais absurdas. Talvez, tão absurda ou mais do que tentar mover uma montanha (*Cuando la fe mueve montañas*, 2002) seja tentar entrar no olho de um furacão.

Tornado (2010) surge após dez anos (2000-2010) de tentativas de Alÿs em viagens ao sul da Cidade do México, onde ocorria a tempestade de areia registrada no trabalho. A coreografia, ao longo de anos, tinha início com a espera do surgimento da tempestade, seguia com uma aproximação física estratégica até a decisão do instante exato para tentar saltar para dentro do tornado. *Tornado* reúne tanto imagens filmadas pelo artista Julien De-

2 Trecho do texto de apresentação do The Centre for the Less Good Idea. Disponível em: <https://lessgoodidea.com/about>

vaux, a partir de uma visão externa do furacão, quanto imagens tremidas e caóticas, desde o meio da tempestade, registradas por Alÿs.

Embarcar em uma aventura enquanto risco, sujeito à sorte ou ao acaso. Ao contrário do que a expressão “estar no olho do furacão” sugere, uma situação problemática, o “olho” é o espaço de calmaria na tempestade; uma zona de vazio criada pela força do seu giro. No entanto, trata-se de uma falsa calmaria, pois, no movimento contínuo de um tornado, seu centro se desloca junto e leva consigo tudo aquilo que estiver nessa calmaria do meio. Para Alÿs (mas também em termos científicos), os tornados são “casos de ordem emergindo do caos”. Ou seja, tentar entrar no olho do furacão é colocar-se em perigo extremo. Se tentar é fazer algo sem certeza, seria o mesmo que aventurar-se?

Numa dada situação é o livro que reúne processos, notas e referências de Francis Alÿs em diálogo com *Tornado*. Na capa, uma pintura elenca as seguintes palavras e ideias que podem se relacionar com o processo de produção de um trabalho de arte: tumulto, contingência, eclosão de ordem, domínio do caos, pura desordem, colapso da ordem, simulação de ordem, quietude, incerteza, turbulência, resistência, controle, perda de controle, caos glorioso, êxtase. A tentativa enquanto gesto em *Tornado* e a confirmação disso nas palavras acima. Tentativa seria o movimento da incerteza. Nota-se também uma repetição da palavra “ordem”. A sequência das palavras pode sugerir a coreografia da tentativa em entrar no centro do tornado: do tumulto ao êxtase.

O êxtase atingido por Alÿs ao entrar no tornado talvez nos diga mais a respeito da tentativa enquanto sinônimo de correr riscos do que sobre a obtenção de um resultado esperado. Se a tentativa é uma oscilação entre sucesso e fracasso, conseguir, ou não, entrar no olho do furacão não elimina todos os gestos das tentativas. Se falhar é não produzir o efeito desejado, e o movimento da tentativa se dá pela incerteza, existiria um movimento desejado com toda certeza?

Ainda em *Numa dada situação*, Alÿs faz referência a Samuel Beckett: “[...] Nunca ter tentado. Nunca ter falhado. Não importa. Tentar de novo. Falhar de novo. Falhar melhor” (2012, p. 65).

tentar é agarrar algo no ar?

Se uma tentativa é sobre começar, esse começo poderia ser uma extremidade. Extremidade do corpo que toca e segura coisas, objetos e pessoas. Por onde se inicia o movimento de um quadrúpede. Sugere sentido e direção: rua de mão única, etc. Unidade de medida: uma mão de arroz, um punhado de feijão, etc. Distâncias: à mão, fora de mão, etc. Ineditismo: em primeira mão, etc. Ação: mão na massa, etc. Autoridade: mão firme, mão de ferro, etc. Vazio: de mãos abanando, etc.

Em *Hand Catching Lead* (1968) (Fig.1), assistimos à mão de Richard Serra tentando agarrar barras de chumbo, apesar do título afirmativo quanto ao ponto de chegada. Enquanto as barras são lançadas do alto, uma a uma, Serra repete, com a mesma velocidade, um movimento de abrir e fechar a mão. Estabelece a dinâmica de uma espécie de jogo de sorte e azar, como na brincadeira de lançar pedrinhas para o alto e agarrá-las de volta no ar. É possível que as chances de conseguir, ou não conseguir, agarrar as barras sejam equivalentes. Ao longo do filme, Serra consegue agarrar algumas. No instante em que consegue, solta a barra de chumbo no ar, abandonando aquilo a que se propôs. É como se, para este movimento de tentativa, um breve instante no ponto de chegada fosse suficiente.

Uma decisão em um instante, como segurar ou largar algo que cai. Um instante como o menor espaço de tempo possível; fração de segundos. A tentativa como movimento em direção a uma oportunidade, uma circunstância propícia em um determinado momento. Um lance entre oportunidade, sorte e acaso. Se tentar é perceber uma oportunidade, surge uma relação temporal com perspectivas futuras. Um movimento temporal para a frente.

Em *Hand Movie* (1966) (Fig.2), assistimos em um único plano fechado, durante oito minutos, uma das mãos da dançarina e coreógrafa Yvonne Rainer realizando movimentos sutis a partir dos pulsos, palma e dedos, de modo semelhante com que os corpos se movimentam em suas coreografias. Impossibilitada de dançar por conta de uma cirurgia, *Hand Movie* seria uma tentativa de Rainer dançar. Seguir tentando fazer o que se faz. Deitada na cama do hospital, sua mão é filmada por William Davis, também parte da Judson Church.

Figura 1
Richard Serra, *Hand Catching Lead*, 1968.
Filme p&b. Duração: 3'02''.



Figura 2
Yvonne Rainer, *Hand Movie*, 1966. Filme p&b. Duração: 8'.



Tentativa pelas mãos: *Hand Movie* e *Hand Catching Lead*. A tentativa como persistência. Em Rainer, a tentativa se dá enquanto percurso da ação: a mão se alonga, se dobra, busca tocar pontos de si mesma, como um corpo que dança. A mão que tenta dançar quando o movimento não parece possível. Os gestos mínimos da mão se apresentam como as coreografias mínimas de Rainer, desenhadas a partir de movimentos cotidianos.

A tentativa enquanto postura afirmativa perante o mundo por meio de gestos mínimos e atenção ao banal. Movimentos que existem “apesar de”.

Tal qual a lista de verbos (*Verb List*, 1967) construída por Serra para servir como ponto de partida para suas experiências escultóricas com diferentes matérias, alguns verbos poderiam ser elencados tanto enquanto sinônimos quanto propulsores das tentativas – ainda que “apesar de”: abandonar, acompanhar, alinhar, analisar, apelar, aproximar, assistir, atacar, atingir, averiguar, buscar, caçar, cair, cercar, chegar, circundar, colher, completar, contornar, cuidar, desgastar, desistir, desviar, ensaiar, entender, enxergar, esboçar, escapar, estar, evitar, exercitar, explicar, explorar, fantasiar, fazer durar, forçar, fuçar, girar, grudar, guardar, idealizar, imaginar, incluir, induzir, insistir, instaurar, inventar, investigar, ir, juntar, lançar, largar, levar, limpar, margear, movimentar, negar, paralisar, parar, pedir, pelejar, perceber, procurar, programar, propor, provar, provocar, receber, renunciar, repetir, restabelecer, restaurar, retirar, rodear, seduzir, sondar, testar, vir (apesar de).

tentar é equilibrar?

Vou tentar: uma afirmação que nos tranquiliza quanto à garantia do desfecho de algo a ser realizado. Ajuda a suavizar expectativas que não são nossas ou uma justificativa antecipada de que, caso não dê certo, já estava avisado. *Preciso ao menos tentar*. Foi o que disse Philippe Petit, em 1974, antes de esticar uma corda entre as Torres Gêmeas, em Nova Iorque, e atravessá-las, do alto de 450 metros de altura. A instabilidade de equilíbrio sobre uma corda bamba, sem garantias de segurança e com um poder de controle reduzido à tentativa. O título do documentário que apresenta sua história foi traduzido para o português passando da sugestão de instabilidade, *Man on Wire*, para a alusão à estabilidade: *O Equilibrista*. No equilíbrio entre o sim e o não, ele se mantém no eixo, na abertura das possibilidades.

No equilíbrio necessário para arriscar-se diante do vazio uma corda esticada enquanto o único alicerce. Se tentar é sempre assumir riscos sem garantias, como equilibrar-se com o mínimo possível? Nesse sentido, uma tentativa seria algo entre o impulso do mergulho e o esforço em evitar a queda.

Controlar o movimento a fim de evitar a queda. Não leva o movimento até o fim, apenas direciona. O intuito é mover de um lugar e direcionar para outro. Seria essa uma das possíveis definições da utopia: direcionar para outro lugar. Tentar enquanto movimento que se direciona a algum ideal. Ou a tentativa enquanto utopia. Talvez seja possível pensar em classificações para a utopia. Uma utopia disponível, por exemplo, seria aquela que se pode dispor, acessível. Uma utopia pequeníssima seria algo correspondente ao mínimo que a nossa capacidade nos permite perceber. Uma utopia prometida seria um conjunto imaginário de perfeições que não se realiza por completo; expectativa. Uma utopia cíclica seria um reforço das contradições existentes; confiança.

tentar é queda livre?

*José Newton já dizia:
Se subiu, tem que descer.*

Raul Seixas

Os seres humanos nascem com dois medos inatos: o medo de cair e o medo de sons muito altos. Ambos estão ligados à mesma cavidade do corpo: o labirinto. É o que nos mantém em equilíbrio. Mas e o que acontece quando, mesmo que por alguns instantes, o medo de cair desaparece? Ou, então, o que acontece quando em um lapso o medo é ignorado e o corpo se entrega, voluntariamente, à gravidade? Se a queda se apresenta como um acidente, em um embate com a gravidade, você perde e a gravidade ganha. Ao se lançar, o corpo provoca e deseja essa entrega. Portanto, no embate com a gravidade, há um empate, pois a gravidade foi aceita. O corpo se movimenta em direção ao vazio, abrindo mão do controle.

Uma decisão não é um acaso. Bas Jan Ader demonstra como a gravidade pode atuar sobre seu corpo, na série *Falls* (1970-75) (Fig.3): a partir de um telhado; de uma árvore; para dentro da água, enquanto guia uma bicicleta; em pé, fixo, migra para um corpo que se lança lateralmente ao chão. Com isso, Bas demonstra não possuir o medo inato da queda: a plena aceitação da ação da gravidade.

A queda dos corpos é inevitável. Está na natureza das coisas. Tudo acaba caindo um dia ou outro: chuva, neve, as frutas maduras, as folhas mortas... Os objetos que nos cercam escapam provisoriamente a esse destino pois são mantidos artificialmente. A queda permeia tanto nossas vidas ao ponto de portar, como sentido metafórico: a ruína do homem, a queda do Império Romano. Como no dito popular: quanto maior a altura, maior será a queda. (MORAIS, 2013-2014, s/d)

Se a gravidade se apresenta no mundo como incontornável, tentar evitar sua ação demanda um grande esforço, talvez, inútil. Quando Bas cai do telhado, de uma árvore ou dentro de um canal, é porque a gravidade o dominou. Abrir mão do controle que imagina possuir e aceitar o inevitável, quem sabe, seja mais um dos gestos de tentativa.

Figura 3
Bas Jan Ader, Broken
Fall (organic), 1971.
Filme 16mm, p&b.
Duração: 1'36''.



Aceitar a gravidade seria o mesmo que aceitar a falha e o fracasso? As ações de Bas desestabilizam o lugar-comum e a perspectiva única da queda enquanto sinônimo de ruína ou fracasso. Ao mesmo tempo, sua postura, que não se opõe à gravidade, é vista com espanto e suas ações como materializações do absurdo. Tal perspectiva do absurdo se aproxima de uma comicidade trágica, ou de um humor surreal. Ao mesmo tempo, estabelecemos alguma empatia pela vulnerabilidade na qual o artista se coloca. Algo próximo daquilo que nos atinge ao observar a queda de alguém no meio da rua. Talvez seja o tragicômico diante do inesperado na vida.

Na busca por imagens das quedas de Bas Jan Ader, na Internet, surge a imagem de outra famosa suspensão do corpo no ar: Yves Klein e seu salto no vazio (1960) (Fig.4). Em qual ponto uma suspensão se aproxima ou se afasta da outra? Klein mergulha no ar de braços abertos tal qual o voo de um pássaro. É como se ele acreditasse que, de fato, pode voar. E, de fato, ele pôde: a conhecida imagem de seu salto é, na verdade, uma imagem manipulada. Na imagem original, registrada por Harry Shunk e János Kender, é possível ver a queda de Klein amortecida por um tecido segurado por vários homens.

Figura 4
Yves Klein, Harry Shunk e János Kender, Saut dans le Vide, 1960. Fotografia. 36 x 27.5 cm.



Como no mito de Ícaro, aquele que constrói suas próprias asas e tenta deixar Creta voando, mas acaba morto no mar Egeu. Um desejo do vôo que, talvez, seja mais evidente em Yves Klein do que em Bas Jan Ader: como se Klein almejasse a precisão do vôo e Bas, aceitasse, com tranquilidade e certa melancolia, perder a batalha entre o peso da gravidade e a leveza da suspensão. Bas, talvez, encontre-se próximo ao modelo do herói clássico: aquele que segue adiante ainda que isso signifique sua própria ruína. Ainda assim, ambos flertam com uma dimensão extrema da tentativa: tentativas de fixar um estado de suspensão ou a queda em uma imagem.

Colocar-se em suspensão como o mesmo que encarar o abismo, esse espaço antes de se lançar, seria como encarar as incertezas e se movimentar a partir desse território: “[...] decidiu que se moveria nas fronteiras do vazio, tentaria ver o que aconteceria se resolvesse debruçar-se no abismo” (VILA-MATAS, 2013, p. 170).

de novo, de novo

É possível pensar a tentativa como uma repetição obstinada, uma insistência em algo. Contudo, não se trata de uma teimosia. Apesar de obstinada e da determinação em seguir uma rota desde uma ideia inicial, seria mais como uma persistência maleável e aberta a alterar um roteiro previsto de antemão.

Se toda busca tem como destino final desejado algo que pode ser nomeado como “sucesso”, a tentativa, enquanto caminho do meio, se apresenta como espaço para habitar as incertezas. É por meio de uma suspeita que uma tentativa tem início, como em uma investigação que parte de uma pista que surge no caminho. Uma tentativa é provocada por uma cisma e um anseio em atrair algo novo a partir de uma faísca de desconfiança. A tentativa enquanto algo não premeditado e a flexibilidade da surpresa com o inesperado.

Perguntei para algumas crianças “o que é tentativa?”³ e as respostas, a seguir, contêm algo em comum: a repetição. Tentativa enquanto teste e exercício. Talvez o percurso da pesquisa em arte seja semelhante: assumir o não-saber para testar e ver o que surge. Caso não funcione, tentar de novo até encontrar aquilo que buscava ou alguma outra coisa nunca antes imaginada.

“A tentativa é quando a gente quer de novo. Falar, por exemplo. Eu quis dizer, falar ‘de novo’. Você fala ‘o que quer dizer tentativa?’, aí eu sempre respondo ‘tentativa é quando a gente quer de novo’”. (Helena S., 7 anos)

“É tentar uma coisa que você ainda não tentou. Ai, eu não sei o que é aquela planta. Então, eu vou saber. O que é aquela planta, tia? É uma planta que fica na terra e vive com água. Isso é tentar. Ou, eu nunca li esse livro. Como eu vou tentar ler? Ai, eu ainda nunca vi esse quadro. Vamos ver onde ele nos leva. Vou procurar na Internet onde ele foi feito. Ele foi feito num lugar que é legal, que é divertido, pode ser na neve, pode ser feito com as letras, pode ser feito com os livros, pode ser feito com pelo... Isso que é tentativa”. (Morena R. M., 4 anos)

“Tentativa é uma coisa que a gente tenta, mas nem sempre a gente consegue. Muitas vezes a gente pode conseguir, mas muitas vezes não. E uma tentativa que dá certo é, por exemplo, eu planto uma planta, planto a sementinha, espero alguns dias, daí cresce e eu fico feliz. Eu tentei e deu certo. É isso”. (Laura L. A., 8 anos)

“É quando você faz uma coisa, aí dá errado e você tenta de novo. Tipo assim, ó: eu tentei usar o robô, mas não consegui, aí tentei de novo e consegui! Tentativa é como limpar um pote, numa tentativa. Nem sempre dá certo. Aí tenta de novo”. (Augusto F., 5 anos)

“Tentativa? Você tem que tentar uma coisa que você não consegue fazer. Você tem que tentar e não pode desistir. Tem que tentar, tentar, tentar até conseguir. É isso. E se não conseguir, chama alguém pra ajudar”. (Martina R. C., 7 anos)

“Tentativa é quando a pessoa pensa que uma coisa vai dar certo, mas ela dá errado. Uma coisa que eu gostaria muito de ganhar é um Monster Truck, mas se chegar quebrado, eu não gostaria que ele estivesse quebrado, queria inteirinho. O problema é que se chegasse estragado eu não conseguiria brincar com ele. Treinamento tem que fazer exercício e tentativa tem que fazer todo o tempo a mesma coisa”. (Raul L. P., 5 anos)

3 A pergunta foi enviada as mães e pais das crianças e as repostas devolvidas via mensagem de áudio, pelo aplicativo WhatsApp. Na sequência, as respostas foram transcritas.

“Tentativa é tipo falar ‘tenta subir nessa pedra!’, ‘tenta escalar uma montanha!’. Isso que é tentar. Ó... Um dia, eu tentei na tirolesa. Eu tentei e eu consegui e aí quero fazer mais, mais e mais e mais. E é isso”. (Kilian T. P. S. A., 6 anos)

“Tentar e tentar de novo. Por exemplo, você está tentando aprender a andar de bicicleta sem rodinha, aí você cai e você tenta de novo. Aí você vai tentando. Você tenta, tenta, tenta, tenta e tenta de novo”. (Gabriela G., 8 anos)

“Tentativa é uma coisa que... eu não sei o que é tentativa. Você tem que tentar as coisas. Se você não tentar, você não vai conseguir. O exemplo é... tipo, se você não conseguir, você tem que pedir ajuda ou tentar fazer”. (Alice B., 5 anos)

“Tentar é uma coisa, tipo assim: eu vou tentar desenhar, eu vou tentar achar a minha meia, eu vou tentar achar o aplicativo, eu vou tentar achar a minha camiseta, eu vou tentar achar as minhas luvas, eu vou tentar achar os meus brinquedos”. (Liz M. U., 4 anos)

“Pra mim, tentar é... não sei bem como explicar, mas é como... ah, vou dar um exemplo: eu estou tentando escalar uma parede de escalada; é um desafio pra mim. Tentar, pra mim, é: você não sabe se vai conseguir superar o obstáculo, mas mesmo assim, vai lá e encara! Essa é a minha opinião sobre tentar”. (Pedro L. M. U., 9 anos)

“Tentar é tentar outra coisa. E, se der errado, faz outra coisa de novo”. (Raul A., 4 anos)

Referências

ALYS, Francis. Numa dada situação. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

AVELAR, Daniela C. Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Centro de Artes, Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: https://files.cargocollective.com/717761/Tese_Daniela-Avelar_.pdf

BECKETT, Samuel. Companhia e outros textos. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2012.

BLANCHOT, Maurice. A conversa infinita. São Paulo: Escuta, 2001.

MORAIS, Glaucis de. O mar icariano no processo artístico de Bas Jan Ader. Revista Carbono # Gravidade, Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, 2013-2014.

O Equilibrista. Direção: James Marsh, 2009.

PEREC, Georges. Lo infraordinario. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2013.

RAUL SEIXAS. Como Vovô Dizia. Rio de Janeiro: Som Livre, 1973.

VILA-MATAS, Enrique. Exploradores do abismo. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

Recebido em 30 de junho de 2023 e aceito em 1º de setembro de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

